



Wagner Uarpêik

NOMADEIA

JORNADA DE 994 DIAS PELA
AMÉRICA DO SUL E CARIBE

ESPREITA





“Existe no mundo um único caminho por onde só tu
podes passar. Aonde leva? Não perguntes, segue-o!”

[Friedrich Nietzsche]

“Meu bem, o mundo inteiro está
naquela estrada ali em frente
Tome um refrigerante,
coma um cachorro-quente
Sim, já é outra viagem
E o meu coração selvagem
Tem essa pressa de viver”

[Belchior]

“Mas não precisamos saber pra onde vamos
Nós só precisamos ir
Não queremos ter o que não temos
Nós só queremos viver
Sem motivos, nem objetivos
Estamos vivos e isto é tudo
É sobretudo a lei
Da infinita highway”

[Humberto Gessinger]





Apresentação [15]

Notas [22]

O Espírito da Grande Viagem [23]

Parte 1 [25]

Parte 2 [26]

Parte 3 [32]

Retiro na Ilha da Águia [37]

Parte 1 [39]

Parte 2 [48]

Parte 3 [50]

Parte 4 [56]

Parte 5 [61]

O Caminho do Sul [67]

Parte 1 [69]

Parte 2 [75]

Parte 3 [77]

Parte 4 [82]

Parte 5 [86]

O Caminho do Oeste [95]

Parte 1 [99]

Parte 2 [102]

Caprichos Santiaguinos [119]

Parte 1 [121]

Parte 2 [121]

Parte 3 [124]

Parte 4 [127]

Parte 5 [133]

Parte 6 [142]

Parte 7 [143]





O Caminho do Norte [145]

- Parte 1 [147]
- Parte 2 [156]
- Parte 3 [158]
- Parte 4 [163]
- Parte 5 [170]
- Parte 6 [177]
- Parte 7 [185]
- Parte 8 [191]
- Parte 9 [193]
- Parte 10 [204]
- Parte 11 [218]

Orbitações Locombianas [221]

- Parte 1 [223]
- Parte 2 [228]
- Parte 3 [231]
- Parte 4 [241]
- Parte 5 [247]

Temporada com os Índios Kantuar-Shuar [261]

- Prelúdio [263]
- Antecedentes [264]
- Breve síntese historiográfica sobre o povo Shuar [270]
- Entrevista com os Shuar de Tawasap' [274]
- O Nateemamu em Arutam Mura [285]
- Estudos na Universidade das Ciências Ancestrais [299]
- A fera mais perigosa [305]*
- Fazer direito [306]*
- Mãos com sangue, e coração de diamante [307]*
- Nateem, religião e comércio [308]*





<i>Honrar os mais velhos</i>	[309]
<i>Magia, xamanismo e polimorfismo</i>	[309]
<i>Visões do segundo degrau de nateem</i>	[311]
<i>Natureza como oráculo</i>	[313]
<i>Teoria vs prática, e o futuro da humanidade</i>	[313]
<i>Medicina e feitiçaria</i>	[313]
<i>Comida, conselhos e cigarros</i>	[314]
<i>Liberdade real</i>	[315]
<i>Soberania de espírito</i>	[315]
<i>Visões do terceiro degrau de nateem</i>	[316]
<i>Política, verdade e inimigos</i>	[318]
<i>Tempos de fome</i>	[320]
<i>Monogamia, poligamia, poliandria, cosmologia, e outros dramas sexuais</i>	[320]
<i>Matrimônios caseiros e namoros forasteiros</i>	[327]
<i>Macho é macho, fêmea é fêmea</i>	[327]
<i>A fauna oculta</i>	[327]
<i>Homens-estrelas</i>	[328]
<i>Violência, coragem e perdão</i>	[328]
<i>Medo e liberdade</i>	[329]
<i>O amuleto da onça</i>	[331]

Despedidas [331]

O Caminho do Leste [335]

Parte 1 [337]

Parte 2 [340]

Parte 3 [343]

Parte 4 [345]

Parte 5 [347]

Parte 6 [355]

Notas [359]





APRESENTAÇÃO





Perambulei cerca de 2 anos e 8 meses pela América do Sul, e sul do Caribe. De agosto de 2008, a março de 2011. O primeiro itinerário passou por Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina, Chile, Peru, Bolívia, Equador, Colômbia, e Venezuela. O aninhamento em Medelim incluiu viagens por Colômbia, Argentina, Venezuela, e Trindade e Tobago, arquipélago centro-americano. Desaninhado de Medelim, antes de regressar a Natal, Rio Grande do Norte, estive no Equador, Chile e São Paulo.

A maior parte dos trajetos ocorreu por meio de ônibus pagos e caronas. Com exceção de poucos voos e navegações, o caminho foi percorrido por terra, pedaladas e caminhadas inclusas.

Visitei, aproximadamente, 70 cidades, e 7 comunidades.

Costumava ficar entre 2 e 4 dias em cada lugar. Porto Alegre [Brasil], Montevideu [Uruguai], Uspallata, Buenos Aires [Argentina], Isla Negra, Arica [Chile], Boca del Rio, Cusco, Mâncora [Peru], Quito, Otavalo, Puyo, comunidade Shuar Tawasap' [Equador], Salento, Cali, Ecoaldeia Atlantida [Colômbia], Maracaibo, Valência, Parque Nacional Morrocoy [Venezuela], e Pirate's Bay [Trindade e Tobago], receberam mais dias, e alguns desses lugares, bis. São Paulo me abrigou quase 2 meses; Blumenau, 6; Santiago do Chile, 5; Medelim, 10.

Sem a enorme economia proporcionada pelas caronas, trabalhos temporários, acampamentos, camaradagens, hospedagens couchsurfers*, quartos coletivos de albergues**, e outras austeridades mais ou menos agradáveis, o dinheiro proveniente do meu carro vendido provavelmente teria acabado antes do quarto país.

Digamos que 70% dos gastos, roteiros e prazos foram planejados. O resto, contando com os imprevistos recheios





para o cardápio-mor [pão, granola, arroz e macarrão], e a incorporação de um peculiar espanhês, temperado principalmente com ingredientes chilenos e colombianos, foram improvisados no caminho.



Numa biblioteca ou livraria razoável, este livro poderia ser achado na democrática e promíscua seção “Literatura de Viagem”, ao lado de alguns dos milhares de relatos de viagens “ao redor do mundo”, publicados por recordistas e milionários; ou talvez cercado de crônicas jornalísticas, ou manuais turísticos, sobre a Europa, Índia ou Machu Pichu. Entretanto, em recintos vigorosamente especializados nos assuntos aqui implicados [por exemplo, a viagem em seu sentido mais profundo e espiritual -- pouco ou nada moderno] poderíamos encontrá-lo em qualquer uma destas seções, eloquentemente didáticas: “Literatura Viajante da Geração Y”; “Nomadismo Transdisciplinar”; “Guias Exóticos e Versáteis para Mochileiros na América Latina”; “Antropofagia Neopaleolítica”; “Romance Falado”; “Livre Deriva Antropológica”; “Bardaria Contemporânea”; “Viagem como Iniciação”; “Autorretrospectiva Moral em Modo Nômade”; “Travessia Geoespiritual de Sabor Intimista”; “Escritores Potiguares Pós-cascudianos”; “Viagens Contemporâneas Offline”...

Uni a narrativa retrospectiva -- pós-estrada -- aos escritos redigidos em plena viagem. Em sintonia com o espírito nômade, sortido e fronteiro da jornada, os capítulos fluem ao longo de diferentes caminhos da escrita e do espírito: filosofia, poesia, ciência, crônica, comédia... Como rios que banham e refrescam reinos, mas abraçam o oceano.





Enquanto viajava, não pretendia escrever um livro sobre a viagem. Minha escrita quase sempre atendia a exigências mais terapêuticas, intimistas e reflexivas, que noticiosas, proseadoras, relatoriais.

As cartas eletrônicas aqui expostas foram transcritas dos escritos originais, redigidos à mão, uma vez que os emails que derivaram deles contêm negligências e desvios incongruentes com os manuscritos. Inclusive, em respeito ao sagrado momento do parto, as datas que acompanham as cartas indicam quando foram redigidas, não quando foram enviadas. As correspondências errantes escritas originalmente em espanhol foram traduzidas por mim. Os trechos de cartas julgados inoportunos para o livro, ou que exibiam desnecessariamente a intimidade do autor, e/ou destinatários, foram prescindidos.



Esta obra conta uma viagem que, de certa maneira, começou bem antes de 2008 e acabou bem depois de 2011. A conturbada e descontínua gestação de 11 anos [2010 a 2021]*** contribuiu muito para que “Nomadeia” se tornasse, em certa medida, uma autobiografia juvenil atraída e iluminada pelo sol da jornada latina. Escrevi para acertar as contas comigo, com minha família [da qual escondi meticulosamente meus verdadeiros métodos, objetivos, parceiros e paradeiros vagamundos****, poupando-nos de dissonâncias e sofrimentos -- especialmente minha então adoentada mãe], e com tantos outros passageiros da minha, digamos, primeira juventude.

A propósito, dos preparativos ao fim da andança, confundir e enfeitiçar amigos, parentes e próximos, com simples ou engenhosas ficções, não era só uma maneira de





evitar encontros considerados inoportunos, senão uma *travels* devota do grande sonho viajero: a libertadora “Caravana” para a qual eu tentava atrair alguns amigos. Espalhar informações falsas, sincronicamente discrepantes, sobre meu cotidiano e localização [fabulações, aliás, ausentes nos emails reproduzidos neste livro], a fim de constatar os efeitos mais ou menos belos, previsíveis e engraçados disso, foi um hábito recorrente.

Mas minha mentira segredista extrapolava as razões utilitárias, lúdicas e poéticas, não raramente alimentando a pretensão donjuanesca de desaparecimento social. Abandonar as órbitas gregárias que me “escravizavam” ao passado e a Natal; evitar a mediocridade, ócio e controle das fotografias, vídeos, celulares, e redes cibernéticas e despistar as pessoas dos meus verdadeiros rumos: requisitos cruciais para “apagar” minha “história pessoal”. Nem os melhores amigos receberam relatos fiéis do retiro inaugural, no Vale do Itajaí. Segredo protegido com obsessão. No resto da romagem, o desinteresse em perseguir à risca a “liberdade” do “guerreiro” de Castaneda foi diretamente proporcional ao desejo de cultivar amizades, me comunicar com sinceridade, e eternizar diversas cenas com fotos.

Contrariando ainda mais Don Juan, esta história é realmente biográfica. Contudo, embora esforçadamente verídica, ela não é refém do integralismo confessional. Nesse sentido, sobretudo por respeito à privacidade das pessoas lembradas nas próximas páginas, a maioria dos “personagens” receberam nomes diferentes dos usados na chamada “vida real”.

A inquieta e verdolenga espécime juvenil descansa sobre a mesa laboratorial, ao alcance do tribunal público. E por que me expus tão francamente, se podia ter seguido o aclamado





código literário mundial, embalado, inclusive, pela charmosa e prudente certeza de que os leitores me (des)encontrariam atrás de um personagem?: inquietou-se um bom amigo, preocupado com o fato de eu revelar, aqui, certos traços e estados de espírito que já não são tão meus. Ora, para que conjurei um passado que está longe de oferecer um modelo de conduta impecável -- e que há de servir de lenha para o bem e para o mal -- senão também para rir de mim mesmo, pescar com espelhos, e servir à saúde pública? A maldade e a ignorância nunca hesitaram em castigar e chantagear a franqueza. O tempo e a sabedoria sempre souberam recompensá-la.



Esta história foi escrita para ser c@ntada, e c@ntada para ser escrita: suas vozes devem ser ouvidas.

Minhas pausas, ritmos, neologismos, intensidades, melodias e regras podem ser pressentidas; mas o guia publicado em meu site ajuda.

Bons dicionários e consultores também. Especialmente os especializados em expressões populares chilenas, colombianas e potiguaras. A escassez de notas de tradução é uma homenagem à curiosidade e à união ibérica.

O réu se declara popularmente, musicalmente, oralmente, experimentalmente e soberanamente inocente de inúmeras e deliberadas incompatibilidades -- sobretudo pontuacionais -- com os “gramáticos” brasileiros.



Notas

- {*}** Couchsurfing é uma rede social de hospitalidade. Integrado por viajantes e anfitriões de mais de 180 países, o site organiza a comunicação, encontro, anfitriagem, hospedagem -- grátis e caseira -- e avaliação pública de aproximadamente 4 milhões de surfistas de sofá, ou couchsurfers. Apesar dos graves lapsos técnicos e organizacionais pelos quais tem passado no mundo inteiro, e das perversões turísticas e comerciais que têm debilitado seu sucesso na América do Sul, o projeto já contribuiu mais para o intercâmbio cultural e sexual global, do que a ONU.
- {**}** Embora, ao contrário do que eu esperava, ter pago a “carteirinha de alberguista” não tenha servido para abater um único real dos preços das hospedagens, estrada afora. Se você curte ingressar em clubes discretos ou invisíveis e colecionar cartões exóticos, a Hostelling International não vai te desapontar.
- {***}** Gravidez prolongada pela decisão de adiar o parto [planejado para 2020] para quando a pandemia nacional e municipal de coronavírus estivesse extinta ou ao menos em decadência, para que a festa de lançamento pudesse ser mais alegre que perigosa, nua que mascarada, e “Nomadeia” pudesse servir mais como vacina contra o vírus do sedentarismo, do que como sua estrada.
- {****}** Em grande parte por conta dessa usual inveracidade, julguei que as cartas eletrônicas enviadas para meus familiares ao longo da viagem não deviam ser incluídas no livro.





O ESPÍRITO DA GRANDE VIAGEM

8





1

O espírito da grande viagem é uma criança velha, paciente e trapaceira. Sua força só me possuiu de vez em 2007, quando eu tinha 20 e poucos anos, e me desesperava de cobiça, frustração e vontade de perfeição. A vida me parecia breve, brutal e maravilhosa demais para eu não querer morrer e nascer de novo a cada momento, em qualquer lugar. Enquanto me despedia da universidade, aprendia a amar a solidão.

Mas só uma coisa me fazia gargalhar e requebrar subitamente em pleno meio-dia ou na alta madrugada: preparar a “Saga Iniciática”, o “Grande Rito de Passagem”, a “Grande Viagem” sem data de volta. A longa peregrinação me pagaria a infância e juven-tudo que não pude viver. A grande jornada me conduziria ao destino prometido em sonhos, oráculos, visões. O diploma condenava: “Bacharel em Ciências Sociais”. A vida ainda soletrava: missão desconhecida. “Ainda sou estudante da vida que eu quero dar”: teimava Belchior, e McCandless botava pra quebrar.

Louvava a volúpia, o ócio criador, a grandeza. Abominava o medo, a desunidade, e os gaguejos livrescos. Amaldiçoava os que escrevem porque não podem viver, os que inventam porque não podem confessar. Decidi que vagar pelas terras me purgaria de vez as ilusões, o intelecto “universotário”, as fraquezas da classe média, e minha ex-namorada.

Pressenti que minha geração natalina adoeceria de filhos, vícios, trabalho e casamento. Por sorte, berço de bronze e algumas pitadas de espírito, me via escapando das correntezas do mundo. De repente, meus amigos se tornavam professores,





funcionários, e lacaios de prostíbulos acadêmicos. A juventude murchava e o dinheiro vencia: blasfemei. O dever de trabalhar, o tédio profissional me aterrorizavam. Trabalho sem padrão, riqueza sem escravidão: as fórmulas da [S]ociologia me coroariam rei!

Venerava a “liberdade dos cometas”, e a receitava a amigos e amantes. O nomadílio revelaria minha missão, meu “caminho com coração”. Ah, como me veria melhor de longe!: mestres, índios, lições, florestas, prazeres, mistérios, fronteiras, montanhas, montanhas, montanhas! À distância, delirava, tudo poderia ser visto, a jornada me confiaria as fórmulas dos tempos, as chaves da existência, e eu regressaria velho, frio e sábio como não pôde Rimbaud, ou me tornaria uma lenda dos mares, para sempre distante da própria origem.

A “velha cidade” é pequena demais para nós dois: minha juventude jurou à Imensidão. Me via terrivelmente atrasado. Sede de Vastidão. Estava maduro para cair longe, muito longe da árvore de Natal.

“Minha cura será partilhada!”.

2

Os deuses da estrada conhecem todas as trapaças, e enrolam até o djabo. Mas os mais gentis costumam treinar dignamente os neófitos, antes de arremessá-los à prova de fogo.

Naqueles anos ferozes, eu, Carlos Coiote e Paulo Etcetera pegávamos caronas para cidades e estados próximos, e conversávamos sobre sair viajando por aí para “dominar o mundo” ou “subir até o México”. Embora Félix Bandino estivesse no auge de sua adolescência vadia, seus escritos me trouxessem novas esperanças, e nossas conversas fossem inspiradoras,





divertidamente sarcásticas e nonsensemente poéticas o bastante para que nossos emails soassem como cartas de um futuro livro sobre nossa amizade sonhosa e errante [parida de repente num eufórico ping-pong], e para pretendermos viajar juntos algum dia, o “bom rato” [como eu batizei] não era adepto do tipo de perambulagem mais punk, dura e perigosa que unia eu, Carlos e Paulo. Ao contrário de nós, o lance dele era mais Europa, literatura e aviões, não América, política e caronas.

Carlos tinha boa experiência em cruzar estados de carona, e me ensinou os primeiros truques de como “pegar BR” [como os anarcopunks chamavam suas viagens de carona pelo Brasil] para estados vizinhos. Éramos bons amigos, sua sede de revolta e festa me impressionava, e no fundo dos seus excessos eu via dor e demência, mas também uma tremenda vontade de viver. Só Carlos ia até os confins da noite sem parar de zombar, pensar, tramar, reclamar, e querer mais e mais doses de prazer e esquecimento. Eu sabia que sem ele minha odisseia vagabunda não seria suficientemente alegre e insensata. Ninguém mais encarnava o grande coioote malandro, obstinado e inconsequente.

Nos conhecemos aos meus 15 ou 16 anos, por intermédio de um exótico conhecido em comum chamado Albert Einstein, nos frenéticos círculos roqueiros do Natal Shopping. Tudo que eu queria era meninas, vinho, livros, rock-and-roll, gemer à la Vedder em “Black”, e encontrar os lendários anarcopunks da cidade. Carlos Coioote, que era um camicase anarquista alto, pálido, magrelo, tagarela, encrenqueiro, e alguns anos mais velho, prontamente me ajudou a encontrar seu bando.

Ele trabalhava entregando panfletos, e costumava dormir na rua e em casas de amigos desde que foi expulso de casa e abandonou o colégio católico de classe média. Um alcoólatra





bem-humorado, sempre munido de piadinhas avassaladoras, vestígios de sotaque carioca, e fervor militante. “Cara, não sei tu não; mas eu quero ver a Revolução antes de morrer!”.

Gostava de algumas piadas e lições professorais de Carlos. Ele foi meu primeiro guia no meio anarquista natalense em que eu caía de cabeça, e embora discordássemos demais em muitos temas, e eu logo tenha preferido andar com a galera mais universitária e sóbria (ou menos chapada) do “movimento”, com o passar dos anos, nós dois estávamos rindo, conspirando, bebendo e divergindo pra valer nas festas, protestos e reuniões anarcopunks.

Mais ou menos sete anos depois da noite no shopping, quando Carlos Coiote era um artesão de rua, e como eu, um influente agitador estudantil, nos tornamos mais amigos, do parto à primeira morte do Movimento Passe Livre natalense, mas especialmente nos meses seguintes, quando conversávamos freneticamente sobre “Enterrem Meu Coração na Curva do Rio”, prometíamos “botar pra quebrar!” -- nosso lema favorito -- celebrávamos Kerouac e Ginsberg [que ele devorava de graça nas livrarias do centro da cidade], andávamos de quatro pela praia encarnando os lobos ancestrais de Lucy, uivando com as garotas [quando, de olhos fechados e quase chorando, ele me disse: “Cara, cara! Sinta o vento dando a curva no planeta... Sinta isso! Agora, agora... Não tá sentindo não?”], e uma vez, no litoral de João Pessoa, farreamos com Ikaro Max -- um verborrágico e talentoso poeta de olhar intenso e infantil -- o filósofo *berserker* Hallan Bárbaro, e Henrik Aeshna -- que se atirou gritando no meio de uma pista com carros em movimento, para celebrar a louca excitação de estarmos ali, juntos e vivos demais, e





obviamente também para impressionar os visitantes do “núcleo beat de Natal” com uma inesquecível assinatura do “núcleo beat de João Pessoa” [como nos batizou].

Smells Like Trip Spirit: eu precisava me iniciar na longa estrada do Velho Nordeste.

Então caronei com Carlos para o Festival de Inverno de Garanhuns de 2007, minha primeira carona para fora do Rio Grande do Norte. Perto de Goianinha, pegamos uma carona curta com cortadores de cana bêbados, loucos para compartilhar uma garrafa de pinga que já ia pela metade, e “Eita porra!”: a Brasília bambeava perigosamente na pista, ao som de qualquer brega ridículo, tipo Amado Batista. Senti a vida e a morte rodopiando a cada gole da roleta canavieira. Em Pernambuco, subimos na caminhonete de um engenheiro gente boa que conheceu ou trabalhou com Oscar Niemeyer. O ex-“hippie” nos ensinou que o arquiteto é o “poeta” que desenha a construção, mas são os engenheiros que se fodem tentando fazê-la. “É, isso vale pra tudo!”: captei.

Em Garanhuns, os hotéis e albergues estavam lotados, e nos hospedamos sem saber num puteiro maquiado de pousada com o chuveiro elétrico virado pra parede e sem esquentar. Tomar banho gelado se esticando e pulando era sacanagem demais, e caímos fora; mas a descarga do hotel de madeira da senhora meio bruxa e misteriosa estava quebrada [provavelmente, a própria velha a quebrou ou deixou quebrada para que não levássemos convidados para o quarto].

Para amenizar nossa decadência, uma noite deambulo pelas calçadas e reencontro a saudosa Diana e seus olhos grandes e sedutores me dizendo silenciosamente outra vez: “Também venero o grande mistério da vida, e estamos juntos nessa”. Não tive coragem de beijá-la em 2002, dentro de um





carro lotado de calouros chapados ao lado da praia, nem em 2006, sozinhos de madrugada no túnel da UFRN [conversando sobre a miséria pornográfica da sexualidade ocidental, em comparação com o tantra e os monumentos penianos carregados solenemente na Índia], e tampouco desta vez, quando ela era uma monja das estradas que pegava caronas pelo Brasil com um grande “pano” de artesanatos mestiços repletos de sementes exóticas. Ela se juntou aos malukos de BR depois de trocar as “aulas chatas” de sociologia na Sorbonne por alguns meses de aventuras e conversas com gurus e iogues maconheiros na Índia.

Os caras do palco não me convenceram, a melhor de Lenine não era dele, e enquanto “Computadores fazem arte” e “Artistas fazem dinheiro”, dois caras brigam perto do palco central, e um cara feio e peludo canta e requebra dança do ventre num palco menor. A melhor parte daquela friagem farta de desencontros e madrugadas insones foi brincar a ciranda gigante perto da fogueira, sentir as histórias fascinantes da rapaziada de várias terras, rimbaudear numa estação rodoviária deserta no meio do sertão pernambucano, e começar a vislumbrar a magia e a dureza das viagens pobres e improvisadas.

Aliás, naquele tempo, quando “nômade” era quase um sinônimo de “amigo”, Paulo Etcetera (ou Etcetera-San) andava por dentro das últimas novidades logísticas do mundo vagabundo, mochileiro e caronista, como provavelmente ninguém mais na província natalina. Você ia visitar o cara em seu quarto-casa-covil-escritório, e encontrava francesas, indianos, argentinas ou israelenses sentados no sofá, e na manhã seguinte podia acordar na beira da praia com um “*Bonjour*”, “*Hola*”, gemidos, ou apenas infiltração de chuva na barraca. Entre 2005 e 2006, nosso interesse comum em MPL, artes





marciais, mochilões e tirar Carlos de encrencas cada vez mais degradantes, nos fez mais interessantes e especiais um para o outro, e passamos a conversar pelo telefone e manter com Coiote um trio de vagabundagens. A eloquência daquele nerd hardcore esperto, pragmático e eufórico não demorou para me abrir as portas da vanguarda cibernética do nomadismo global. Seguindo os generosos conselhos dele, comecei a frequentar sites e fóruns mochileiros. A melhor parte disso foi me tornar um couchsurfer, ou seja: um viajante credenciado para ser hospedado gratuitamente mundo afora.

Na verdade, sem a ajuda de Paulo minha jornada latina teria sido muito mais cara, dura e anacrônica, principalmente nos primeiros meses.

Três ou quatro anos mais jovem que eu, Paulo apareceu na “cena anarcopunk” alguns anos depois de mim, desde o começo afinado com a ala mais “espontaneísta”, vadia e suburbana do movimento. Parecia um David Grohl “pintoso”, hiperativo e exibicionista, com sua língua e incisivos enormes e chavões rudes. Falava e ensinava quase o tempo inteiro, como se estivesse furado e vazando, enquanto procurava o que fazer, códigos-fontes, comida grátis, e motivações racionais para seu ateísmo. Nas vernissages de sexta-feira, era quase sempre o primeiro punk a atacar as bandejas na Capitania das Artes e Pinacoteca [“Que naaada, doido!”]. Quando chegou sua vez de expor os próprios quadros, pregou umas baratas numas molduras mal pintadas, e com o peito escancarado, peso do corpo no pé de trás, o queixo e a cabeça balançando de maneira frenética, e os olhos piscando muito (sempre ressecados por overdoses de computador) falou a noite inteira, exaltando as baratas, a antiarte e a iconoclastia.





3

Desde o segundo semestre de 2007, a decisão de viajar com o dinheiro da venda do meu carro [presente familiar recebido no começo dos estudos acadêmicos] se tornou uma opção financeira ainda mais interessante: os benditos ladrões o golpearam e pisaram tanto, que a seguradora foi obrigada a me dar outro fiesta. Sim, uma nova *fiesta* estava começando, e a sorte me enviava os primeiros cumprimentos de boa viagem: vendi o novo carro por mais ou menos o dobro do valor que ganharia com o antigo.

Minha bússola apontava sem tremer para a América do Sul, que parecia mais próxima, barata, urgente e *hermana* que Europa e África.

Mas antes de cair de corpo e alma na estrada aberta e solitária, precisava de um bom retiro para me purgar, trocar as penas, e me amolar direito. Por meses procurei minuciosamente a cidade que abrigaria melhor minhas exigências de paz, saúde, beleza, renovação, autonomia locomotiva, silêncio, isolamento, e proximidade com a América Platina, por onde eu pretendia sair do Brasil. Encontrar a cidade brasileira ideal para aprofundar vivências e projetos de estudo científico-filosóficos, marciais, literários e (por assim dizer) místicos, foi bem mais difícil que renunciar à entediante e torturante miséria espiritual vislumbrada nos “labirintos acadêmicos”. Ao final do longo filtro que incluía dezenas de metrópoles, cidades e vilas do centro-oeste, sudeste e sul do Brasil, escolhi Blumenau, em Santa Catarina. Ao contrário das demais, essa cidade desconhecida havia entrado na lista de forma enigmática. Durante uma “visualização” sugerida por meu





amigo xamã Guaraci Katu, montei e voei nas costas de uma imensa águia. De repente, uma voz interior que parecia não ser a minha, não partir de mim, ecoou com veemência: “Blumenau”. Na visão, a águia voava sobre um desconhecido vale verdejante com muitos rios. Paisagem similar à que eu presenciaria meses depois, no alto do Pico Spitzkopf, perto de Blumenau.

Nessa cidade próspera, esperava encontrar quatro estações definidas, um centro pequeno e elegante -- ao alcance da bicicleta -- um renomado professor de *budo taijutsu* (mais conhecido como ninjutsu) urbanidade bem-sucedida, provincianismo bucólico, biblioteca pública adequada às minhas necessidades, e picos ainda mais altos. Desde o começo, o retiro em Santa Catarina é protegido (principalmente da família) pela farsa de que lá eu iria cursar o mestrado de sociologia na Universidade Regional de Blumenau [FURB].

Durante a fase de extenuantes pesquisas wébicas em busca da melhor cidade para me exilar, toda aquela brincadeira mochileira de sair por aí e depois “se encontrar em algum lugar” começou pra valer: Carlos Coiote se manda de carona pelo litoral nordestino. Quanto a mim, ainda tinha algumas tramas e despedidas a viver.

O adeus mais difícil foi para Natasha: esfinge loira de olhos verde-dejavu, e rosto de sonho esquecido ou vida passada. Nos miramos por alguns segundos enquanto eu saía de uma festa no Carnaval de 2008. Seu olhar me paralisou de longe. Mistério à primeira vista. Procurei pistas dela pela cidade, perdidamente apaixonado por uma desconhecida insolitamente próxima, íntima. Depois de meses de investigação, sortilégios quânticos, e jogos divinatórios solitários, consegui reencontrá-la. Mas jamais marquei um encontro, nem segui a sugestão dela de tomarmos um suco qualquer dia. Desde o





princípio, ela não parecia tão seduzida e maravilhada quanto eu, e isso abalou profundamente meu orgulho e esperança de alta sintonia. Além disso, temi que um possível romance pudesse comprometer minha paz e data de partida. Quando a viagem é teu sol, quanto tua liberdade te exila, até uma promessa de amor é um buraco negro onde não se pode entrar sem ser destruído, desviado, ou (especulam os cientistas) transformado em holograma. Ai covardia corajosa!: conquistar Natasha, ou a América?

Não beijá-la era abraçar o continente. Não decifrá-la, mergulhar na Imensidão. Enquanto presentia -- ou decidia -- que a Menina Buco Nero não era pra mim, pedi a viagem em casamento. Natasha foi meu maior sacrifício aos deuses peregrinos.

As outras despedidas foram menos estranhas. Celebrei minha programada partida com Carlos, que continuava avançando pelas BRs do país:

“Natal, maio de 2008

Carlos Coiote

Meu querido Coiote, único amigo nas horas dos grandes riscos! Em meus sonhos, apostamos todas as cartas, e vivemos a grande vida! Piratas soberbos sonham cidades na Madrugália, com bússolas perfumadas! Prepare suas poesias e junte dinheiro!
Carpe diem.”

Rômulo Angélico, meu amigo ocultista e médium, sentiu o espírito de um chinês me acompanhando, e assegurou que meus sonhos me preparavam para uma viagem de maturação espiritual. Dentro da mata atlântica, Guaraci Katu me ofertou





um cachimbo fulni-ô, canções de poder, artefatos espirituais, e um nome iniciático em tupi: “Urubu Tairaju” [algo como “querido amigo do urubu”, segundo a epifania ou investigação do pajé potiguar], pelo qual às vezes preferi ser chamado durante a viagem. A tristeza no abraço de Denis me comoveu, e a chuva parecia homenagear nossa bela e dramática amizade grunge. Abracei as dunas de Cidade Satélite com Binho e Gambá. Maisy disse que eu estava “fugindo de alguma coisa”, e apenas sorri, lembrando a ela que “Os pássaros migram”. Caim me deu um dvd com clips de Bjork e uma animadora carta de despedida, celebrando tudo que ainda iríamos aprender na vida. Tieme disse que eu partiria como Tristan Ludlow, nosso comovente herói. Samira Icebbit, Marujo, Andressa, Tibério, Vani, Tony Bordeli, Igor da Matta, João Brisa Louca, Pinus Volupta, Heloisa, Enna e Madame Du, estavam por perto, enquanto o longo toró me lavava da velha cidade. “Ei, não se esqueça da gente não, viu?”: exigiu Lobo Doido. “O que é forte dura”: prometi.

“Cuidado meu filho”: o velho mantra maternal.

Saudei parentes, xodós e amigos, disposto a não esquecer de ninguém que já não soasse distante demais.

Mas minha memória me traiu, e a vida me aplicou um dramático corretivo aos 44 do segundo tempo da grande final: Judite Polýploko e sua brancura ansiosa e culta de olhos agitados, gargalhadas libertinas e queixo fino (como uma delicada e viril musa de mangá) me esperavam sem saber no saguão do aeroporto [a justiça da vida cinematograficamente cumprida?]. A abracei enquanto caminhávamos e agarrei sua mão com força ao lado do avião que a levaria, com a esperança de confessá-la em silêncio que de alguma maneira a amava, e que lamentava por tê-la abandonado de forma mesquinha, anos atrás.





Finalmente deixava a cidade rumo à sonhada “Europa brasileira”, vencendo a maior partida dos meus 24 anos; e no último minuto, um devastador cartão vermelho me manda para o vestiário. Era 7 de agosto de 2008, quando eu e Judite embarcamos ao mesmo tempo em voos diferentes: ela, para um promissor futuro acadêmico em Minas Gerais; eu, para me tornar o vagabundo mais metódico e feliz de Santa Catarina.

Sim, foi uma época mágica, confusa e cruel. Mas a perfeição do sete e o duplo infinito dos oitos me prometiam dias melhores.



Os escritos de **Wagner Uarpêik** trafegam pela filosofia, literatura e ciências humanas. Nasceu em Natal [Rio Grande do Norte, Brasil]. Cientista social e artista marcial. Revisor, redator, e tradutor. Músico amador.

Lançou os livros “Adolescêndio: memorial poético [2007-2010]”; “Libertália: pirataria anarquista & anarconinjismo”; e “Rebeliões Estudantis: Passe Livre, movimento independente, geração subterrânea, e outras notas sobre política e universidade [entrevistas retrospectivas e prospectivas]”; e coescreveu a coletânea “Pandemoinhos: antologia de artigos, poemas, histórias, diálogos & oráculos sobre a pandemia de coronavírus”.

Wagner Uarpêik

